

CASA, QUINTAL E PARENTESCO NO CONTEXTO RURAL DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

HOUSE, BACKYARD AND RELATIVES IN THE CAMPOS DOS GOYTACAZES RURAL CONTEXT

CASA, PATIO Y RELATIVOS EN EL CONTEXTO RURAL EN CAMPOS DOS GOYTACAZES

Tânia Henriques Buexm Paes¹

RESUMO

O presente projeto possui como objetivo analisar, através da pesquisa de campo, o espaço simbólico da casa e as relações de diversas naturezas que nela se apresentam, elucidando a questão de que no seu interior é travada a vida familiar, a convivência com a vizinhança, as questões políticas e as amizades. Ademais, o quintal é tomado aqui como outro ponto de referência para compreender a dinâmica de uma família rural que se organiza compartilhando o mesmo terreno na localidade de Cambaíba, em Campos dos Goytacazes. Assim, tais espaços simbólicos são analisados por meio do exercício etnográfico e do método qualitativo de observação participante enquanto vetores do adensamento ou diluição das relações de parentesco por propiciar a convivência e relação entre os indivíduos.

Palavras-chave: Casa. Parentesco. Campesinato. Agricultura Familiar.

ABSTRACT

The purpose of this project is to analyze, through field research, the symbolic space of the house and the relationships of different natures that appear in it, elucidating the question that inside it, family life is waged, living with the neighborhood, political issues and friendships. In addition, the yard is taken here as another point of reference to understand the dynamics of a rural family that organizes itself sharing the same land in the locality of Cambaíba, in Campos dos Goytacazes. Thus, such symbolic spaces are analyzed, through the ethnographic exercise and the qualitative method of participant observation as vectors of the densification or dilution of kinship relations as it promotes coexistence and relationship between individuals.

Key words: House. Kinship. Peasantry. Family Farming

RESUMEN

El propósito de este proyecto es analizar, a través de la investigación de campo, el espacio simbólico de la casa y las relaciones de las diferentes naturalezas que aparecen en ella, aclarando la cuestión de que en su interior se libra la vida familiar, viviendo con el vecindario, cuestiones políticas y amistades. Además, el patio se toma aquí como otro punto de referencia para comprender la dinámica de una familia rural que se organiza compartiendo la misma tierra, en la localidade de Cambaíba, en Campos dos Goytacazes. Así, estos espacios simbólicos se analizan, a través del ejercicio etnográfico y el método cualitativo de observación participante como vectores de la densificación o dilución de las relaciones de parentesco ya que promueve la convivencia y la relación entre los individuos.

Palabras clave: Hogar. Parentesco. Campesina. Agricultura Familiar

¹Graduanda em Ciências Sociais no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/ESR da Universidade Federal Fluminense - RJ

1 INTRODUÇÃO

A inserção no campo para a realização do estudo iniciou-se em agosto de 2019, em conjunto com o grupo de pesquisa NuERs (Núcleo de Estudos Rurais), que atua na UFF-Campos. O referido grupo efetuava uma aplicação de questionário no assentamento sem-terra Oziel Alves a fim de implementar um banco comunitário de sementes. Foi através da aplicação de tais questionários em conjunto com o grupo que se tornou possível conhecer o assentamento e seus residentes.

A princípio, foram realizadas discussões de textos sobre o tema da pesquisa, em conjunto com o grupo NuERs, e levantamento bibliográfico. A inserção no campo se deu por meio da pesquisa em andamento, realizada pelo grupo, que selecionou uma casa para a execução da etnografia que resultou neste trabalho. O trabalho de campo foi realizado, então, no assentamento Oziel Alves, localizado na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi efetuada a partir da “etnografia particular”, termo cunhado pela antropóloga Lila Abu-Lughod (2018). Tal abordagem busca estabelecer uma clareza entre o eu e o outro, com o objetivo de não criar generalizações acerca da cultura deste outro, que o enquadre em um padrão comportamental compartilhado socialmente e deixe de notar as nuances presentes nele, assim como estão presentes também em nós.

E os particulares indicam que os outros vivem do mesmo modo como nos vemos vivendo, não como robôs programados por regras “culturais”, mas como pessoas seguindo a vida e amargando decisões, cometendo erros, tentando se manter apresentáveis, suportando tragédias e perdas pessoais, desfrutando da convivência uma das outras e encontrando momentos de felicidade. (ABU-LUGHOD, 2018, p. 214-215).

Ademais, a autora argumenta a favor da posicionalidade do antropólogo no campo, que se torna um aspecto fundamental na construção deste outro, especialmente tratando-se dos antropólogos mestiços e das feministas. Esses dois grupos, nos seus fazeres antropológicos, problematizam essa distância entre o eu e o outro, questionando preceitos positivistas e assumindo uma posição de tornar sujeitos aqueles que eram compreendidos até então como outros.

Essa abordagem se aproxima da explorada por Weber no texto “A ‘objetividade’ do conhecimento nas ciências sociais” (2001), em que o autor relativiza esta pretensa “objetividade” positivista nos trabalhos, argumentando que a elaboração de um projeto, do

método utilizado, o recorte temático e demais etapas, passam pelo cunho pessoal do pesquisador.

Tal perspectiva é adotada aqui, uma vez que houve a compreensão de que a pesquisa de campo não poderia ser realizada por mim, uma mulher, na casa de um homem. Diversos foram os critérios para a escolha da casa onde se realizaria a pesquisa, mas um dos principais é a compreensão do “ser mulher” em um campo e onde este corpo poderia ou não adentrar.

Isso se torna nítido no assédio realizado por parte de um dos assentados que me dirigiu falas como: “Se você continuar vindo aqui, eu vou precisar fazer uma cirurgia de próstata, porque é isso que acontece com homem velho quando vê uma menina bonita como você” ou “Se você tivesse fazendo esse trabalho na minha casa não saía viva”. Quando questionado se ele falava aquilo por causa da sua criação de abelhas, ele respondeu: “Tá vendo? Eu falo que você não vai sair viva e ela acha que é por causa das abelhas”.

É através desta perspectiva presente na etnografia particular, que entende o corpo e o posicionamento do antropólogo na construção do outro como parte integrante da pesquisa, que foi selecionada a casa de Dona Lurdes².

Após conhecer os moradores do assentamento através da aplicação de questionários com demais membros do grupo NuERs, era necessário, por fim, fazer a seleção de uma casa onde se daria a pesquisa. Os critérios para tal escolha era que a casa pertencesse a mulher assentada, que possuísse roça e, preferencialmente, que compartilhasse o terreno com demais casas. A proximidade com o transporte público se mostrou fator essencial para a continuidade da pesquisa, já que não haviam veículos disponíveis para a viabilização da mesma.

A casa de Dona Lurdes, assentada há 14 anos, foi selecionada por preencher esses pré-requisitos, mas principalmente por ela ter se mostrado aberta a nos receber desde o primeiro contato. Em seu lote estão também as casas de seus filhos Jorge, Cristina e Anderson, como também a de sua cunhada Lúcia.

Uma vez que o objetivo deste artigo consiste em analisar e compreender como se estabelece a comensalidade e o parentesco no ambiente da casa, é de suma importância a observação da relação entre a casa de Dona Lurdes e dos seus parentes que dividem o mesmo terreno. Com isto, valho-me aqui de uma inspiração do modelo utilizado por Klaus Woortmann (1987), para fins explicativos acerca da constelação familiar de Dona Lurdes, que tem três filhos, Cristina, Jorge e Anderson.

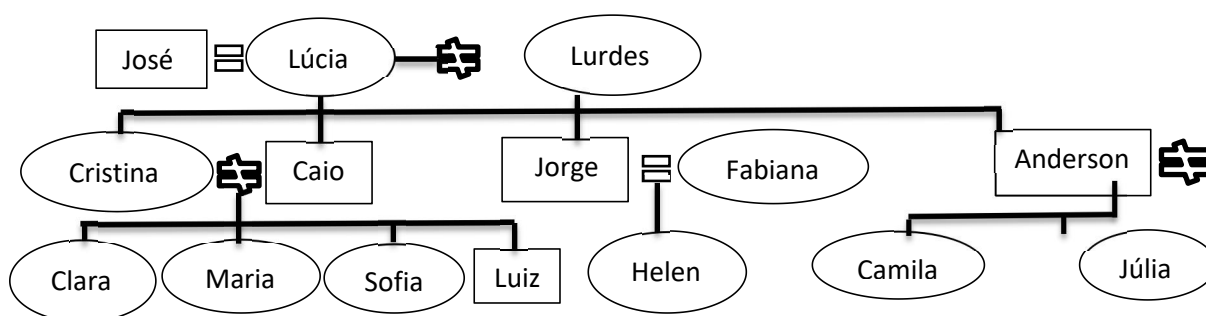
² Todos os nomes de pequenos (as) agricultores (as) aqui citados são fictícios.

Cristina separou-se de Caio durante a realização da pesquisa, mas tem com ele quatro filhos: Clara, Luiz e as gêmeas Maria e Sofia. Jorge é casado com Fabiana e eles tem uma única filha, Helen. Anderson é separado e pai de Camila e Júlia. A relação de Lúcia se estabelece com a família pelo fato dela ser irmã do falecido marido de Dona Lurdes, e, portanto, tia de Caio. Deste modo, Lúcia não é apenas cunhada de Dona Lurdes, como também tia-avó dos filhos de Cristina. Apesar deste vínculo consanguíneo, foi-me relatado por Clara que a mais próxima de Lúcia é Camila, a única que realiza visitas à casa da senhora.

Vale ressaltar que compreender os laços de parentesco aqui estabelecidos se torna fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, visto que é através deles que se materializa, por exemplo, a circulação de crianças, entre outros caros conceitos que serão abordados ao longo deste artigo.

Um ponto importante desta relação se dá na permanência de Camila e Júlia na casa da avó. Apesar de Anderson possuir uma casa no terreno da família, ele trabalha como pedreiro em Búzios-RJ, e por isso, suas filhas residem com Dona Lurdes.

Gráfico 1 – A rede de parentesco da família de Dona Lurdes.



Fonte: dados da pesquisa etnográfica realizada por mim no período de ago-mar 2019, no município de Campos de Goytacazes.

2 A CASA

Como a casa ou configuração de casas estudada se estabelece em um contexto de assentamento sem-terra, há todo um histórico de luta perpassado pela dimensão do pertencimento atrelado a ela. Assim, especialmente em tal espaço:

La casa es producto de la búsqueda de oportunidades por parte de la familia nuclear y su consecución proporciona satisfacción. La casa es ese fruto; sin embargo, no se establece con ella un vínculo de larga duración, puesto que esa casa puede ser reemplazada si se presenta otra nueva y mejor oportunidad, porque el sentido de la casa puede ser transportado a otro lugar; la casa no es

el lugar, dicen los protagonistas: el hogar, como ellos lo definen, está donde está la familia. (ESTÉVEZ, 2013, p. 91).³

Tal perspectiva se aproxima da história de Dona Lurdes, que começa em Mata da Cruz ou Califórnia, localidade situada a 62km de Italva e 64km de Campos dos Goytacazes, onde morava com o pai. Casou-se e foi morar em Murundu, outra localidade pertencente ao município de Campos, com o marido, mas acabou separando-se e retornou para casa do pai.

Depois de ter Cristina e Jorge, mudou-se para Cardoso Moreira para as crianças estudarem na escola pública, e lá teve o terceiro filho Anderson. Quando os filhos se formaram na escola, mudaram-se para Búzios a fim de conseguir um trabalho. Apenas quando filhos casaram, Lurdes retornou para Campos dos Goytacazes com seu segundo marido, hoje já falecido.

O lote onde construiu sua casa em Oziel Alves foi concedido pelo sobrinho, que precisou retornar para a casa do pai a fim de cuidar deste, e deixou a terra para Dona Lurdes. História que se assemelha a esta citação: “La casa es estrechamente vinculada al dolor, al sacrificio, a la lucha por un espacio, a los lazos de solidaridad y de apoyo colectivo [...]” (ESTÉVEZ, 2013, p. 86).

A configuração de casas observada nos permite estabelecer uma conexão com o relatado por Marcel Mauss em seu texto “Ensaio Sobre a Dádiva” (2003), no qual o autor aborda a dádiva enquanto processo que possui três dimensões — dar, receber e retribuir —, observada entre os maori. Para este povo, a dádiva se materializa em forma de presentes que eram ofertados e que, por meio deles, estabelecia-se uma aliança, não no sentido monetário, mas enquanto forma de renovar e adensar as relações de parentesco.

Assim como para os maori é necessário retribuir a coisa dada, no assentamento é esperado que se retribua a ajuda oferecida em um momento de necessidade. A dádiva se materializa neste contexto, através das relações de reciprocidade, como a ajuda na colheita, na preparação da terra ou em um alimento oferecido. É através das necessidades cotidianas que o parentesco se estreita.

³ A casa é o produto da busca de oportunidades pela família nuclear e sua conquista proporciona satisfação. A casa é esse fruto; no entanto, um vínculo de longo prazo não é estabelecido com ela, pois essa casa pode ser substituída se outra oportunidade nova e melhor se apresentar, porque o sentido da casa pode ser transportado para outro local; a casa não é o lugar, dizem os protagonistas: a casa, como a definem, é onde está a família. (ESTÉVEZ, 2013, tradução nossa).

As trocas observadas não se retiveram apenas na dimensão familiar, sendo passíveis de observação também com Seu Armando, um amigo da família que vende as bananas de Dona Lurdes. Este ajudou Fabiana a colher quiabos e por isto, ficou com um quilo do mesmo. Por outra vez, roçava o quintal de Dona Lurdes, pois ela estava com o braço machucado. Assim, há nesta relação, não um pagamento com sentido econômico, mas uma reciprocidade que se aproxima do relatado por Mauss (2003) acerca da dádiva enquanto uma obrigação moral de retribuir a coisa dada.

Ao tratar do alimento, Marta Jardim (2013) analisa a perspectiva do parentesco entre os hindus em Moçambique através do fogão. A autora relata que a tradição de cada casa se perpetua através do fogo, de modo que se estabelece a família a qual o indivíduo pertence por intermédio da forma como se cozinha. Assim, indivíduos podem residir na mesma casa e não serem considerados da mesma família por utilizarem fogões diferentes ou por reproduzirem, mesmo que à distância, a tradição da família de que fazem parte.

A diáspora haitiana relatada por Joseph Handerson (2015) se aproxima do texto da Jardim (2013), uma vez que naquela também há uma relação familiar mantida à distância que se faz presente. No caso da diáspora haitiana, tal presença não se materializa através da forma de preparar o alimento, mas das remessas enviadas para os parentes no Haiti.

Kersting (2019) ressalta a importância dessas remessas na comunidade haitiana presente em Porto Alegre. Através dos seus dados etnográficos, a autora relata duas centrais de remessas na vila, que não possui mais de quatro ruas, e o senso de obrigação que eles possuem com os parentes que permaneceram no Haiti. O ser em diáspora é compreendido enquanto aquele que mantém estreita a relação de parentesco, a sua casa no Haiti, retornando para participar dos eventos festivos, sendo financeiramente ativo e responsável por seus parentes.

O próprio termo “diáspora” elucida uma condição distinta do imigrante, que seria aquele que se distancia definitivamente, sem intenção de retorno, sem manter estreita as relações com o país de origem. Neste sentido, Machado (2010) utiliza a noção de “substância do parentesco”, cunhada por Janet Carsten (2014), para analisar as remessas de dinheiro enviadas por parentes em situação de migração. O autor argumenta que tais remessas fundamentam a *relatedness*, neste sentido,

O dinheiro entra como fluxo de substância "à distância", produzindo o bem-estar material dos filhos (alimentação, roupas, escola, brinquedos, etc.) e amarrando as relações na ausência física dos pais, que se fazem sempre presentes através das “remessas”. (MACHADO, 2010, p. 19).

Assim, essas remessas deixam de ser apenas uma quantia financeira e passam a carregar um significado simbólico de pertencimento e participação na vida dos familiares que permaneceram no lugar de origem. Tal forma de estreitamento do parentesco à distância é observada na relação estabelecida entre Anderson e o conjunto familiar. Isso fica claro na fala de Dona Lurdes, em que o filho aparece como parte integrante do trabalho na roça, não apenas pelo eventual trabalho que realiza nos finais de semana em que está com a família, mas também pelo dinheiro que envia para o auxílio das despesas. Desta forma, ele contribui assim como os demais e reforça seus laços de parentesco. Tais contribuições não se restringem às filhas e às remessas que ele envia para suprir suas necessidades, como um lanche na escola, mas se referem também à luz do terreno, água, bens comuns compartilhados por meio do quintal que é de todos.

No entanto, vale ressaltar que cada casa possui sua autonomia dentro do convívio em conjunto. As compras de mercado, os almoços, são realizados por cada um em sua casa. Assim, a roça e as contas que se referem ao terreno, são partilhadas por todos, mas o sustento e consumo de cada casa são tratados individualmente. Borges (2013) compreende o quintal compartilhado, tal como observado no campo, como formador de núcleos mais densos de parentesco.

Deve-se destacar ainda, que tudo que circula amplamente nas redes de parentesco e vizinhança apresenta-se potencializado no quintal, ou seja, à intensificação e imediaticidade das trocas (mais esporádicas em relação ao resto da rede social) acrescem-se os aspectos derivados do partilhar a vida cotidiana. (BORGES, 2012, p. 202).

Tal aproximação se evidenciou em dois momentos: quando Sofia (uma das gêmeas de Cristina) almoçou na casa da avó e quem cuidava dela era a prima Camila; e quando Clara veio pedir alho à avó, pois o de sua casa havia acabado. Isso mostra, mais uma vez, a autonomia de cada casa. Em um contexto de assentamento, onde os lotes são distantes, o quintal compartilhado propicia um estreitamento de relações pela possibilidade de convívio mais intenso.

Outro exemplo desta aproximação são os fins de tarde compartilhados pelos primos na casa de Cristina, onde todos se reúnem. A convivência de forma intensa entre primos, a possibilidade de a avó cuidar das netas pequenas, desses pequenos empréstimos de alimento acontecerem, dos primos irem e voltarem juntos da escola e do filho trabalhar com a mãe,

todos estes encontros são facilitados pelas casas se situarem no mesmo lote. Esses eventos provavelmente seriam afetados se as casas não compartilhassem o mesmo terreno, não apenas em virtude da distância, mas também por a família se constituir majoritariamente de meninas e os pais considerarem perigoso deixá-las circular sozinhas pelo assentamento. Isso fica evidente uma vez que há sempre alguém esperando junto com elas a van que as leva à escola, mesmo que esta passe na porta de casa. Fonseca (2005) argumenta que esta aproximação proveniente do conjunto de casas dividindo o mesmo terreno, é mais frequente entre a população de baixa renda.

Muitos dos moradores de bairros pobres pensam não em termos de “casa”, mas sim em termos de “pátio”. Em um terreno, por menor que seja, sempre tem lugar para construir mais uma “puxada”, isto é, uma peça ou uma meia-água, para receber um amigo ou parente. A primeira moradia da maioria de jovens casais é uma peça construída no quintal dos pais ou sogros. (FONSECA, 2005, p. 53).

A autora considera esse pátio compartilhado um vetor de circulação da criação das crianças, que por vezes não está diretamente relacionada à consanguinidade. Muito comuns são os laços de parentesco estabelecidos por meio da consideração, uma vez que, especialmente nas classes populares, há uma circulação maior de crianças entre as casas, pela falta de recursos financeiros para contratar uma babá ou uma creche.

No campo realizado, esta criação é realizada pela avó, que é responsável por Camila e Júlia, uma vez que Anderson não reside permanentemente no terreno da família. Assim, Fonseca (2005) considera que a relação, que já é aproximada pela comensalidade e convívio, se intensifica ainda mais pela substância compartilhada do sangue entre avó e netas.

McCallum e Bustamante (2012) retomam essa análise do parentesco acerca das relações de “consideração” e de “sangue”, ressaltando que “ao comparar diferentes laços de parentesco, vemos que a consanguinidade é privilegiada, tal como sugere Fonseca (2003)” (MCCALLUM; BUSTAMANTE, 2012, p. 240). As autoras observam que há um cotidiano compartilhado que envolve ajuda mútua entre esses parentes de consideração que nem sempre é vista entre os que têm o mesmo sangue. Assim, elas entendem que “os laços de consideração não estão garantidos” (MCCALLUM; BUSTAMANTE, 2012, p.241), pois requerem sempre uma renovação de alianças, enquanto os de sangue, mesmo que não contribuam, não deixam de ser considerados parentes.

A dimensão do gênero sempre esteve relacionada com a casa, esta sendo compreendida inicialmente pelos estruturais-funcionalistas enquanto um domínio feminino, em oposição à rua, local propriamente masculino. Um exemplo disto é circulação de crianças entre as casas, o que acaba por colocar a mulher na posição de responsável pelo cuidado doméstico e com as crianças. Vale lembrar que, no texto de Fortes (2014), a autora analisa como, em Cabo Verde, a presença de um homem na casa é valorizada socialmente, mesmo que este não contribua economicamente. A figura masculina é atrelada ao respeito e dignidade da casa.

Sobre a conexão entre as casas, McCallum e Bustamante (2012) afirmam que, no bairro de Prainha, em Belo Horizonte-MG, onde as autoras realizaram a pesquisa de campo, os moradores reconhecem casas conectadas no mesmo terreno ou dependentes, enquanto "outras", assim os "puxadinhos", que dependem de outra casa, são considerados uma casa inteira por abrigarem um novo núcleo familiar.

Já Ellen Woortmann (1992) discorre sobre as "casas-tronco", sendo estas um local perpassado pela dimensão do gênero, em que a mulher é responsável pela cozinha e estocagem de alimentos, enquanto o homem mantém o fogo e traz os animais abatidos para o preparo feminino. O próprio nome "casas-tronco" intuitivamente remete a uma estrutura que fundamenta e serve de apoio para a copa da árvore, ou seja, é uma casa estruturada para abrigar uma grande família. Sobre o domínio da casa, Aldeia (2013) compreende que,

[...] a casa apresenta-se, sobretudo, como inversão da rua, como espaço onde, por excelência, vigora a normatividade dominante e que garante aos indivíduos a segurança ontológica de que necessitam para que se possam construir a si mesmos como sujeitos. (ALDEIA, 2013, p.1)

Esta perspectiva sobre a casa é abordada, também, no livro "A Casa e a Rua" (1997), de Roberto DaMatta, em que o autor discorre acerca das diferenças entre o universo da casa e o da rua. Segundo DaMatta (1997), no domínio da casa existem pessoas dotadas de um papel social e personalidade, enquanto o domínio da rua pertence aos indivíduos, fator que pode ser considerado tanto uma liberdade, quanto um perigo.

[...] algumas expressões relacionais - que exprimem a ligação dramática da casa com a rua - como "vá para a rua!" ou "vá para o olho da rua!". Estas expressões denotam o rompimento violento com um grupo social, com o conseqüente isolamento do indivíduo, agora situando-se diante do mundo "do olho da rua", isto é, de um ponto de vista totalmente impessoal e desumano. (DAMATTA, p.37, 1997)

Neste sentido, a rua é considerada hostil, sem a proteção e pessoalidade presentes na casa. Eloiza Dias Neves (2011) propõe que esta dicotomia entre os espaços da casa e da rua tem uma intercessão através da escola, que se mostra um ambiente dotado de características que se apresentam tanto na casa como na rua, tais como, a convivência, hierarquia, pessoalidade, liberdade e conflito. Tal perspectiva das crianças está presente através da fala:

Uma delas se refere à escola como “o quintal da minha casa”, um lugar intermediário entre “a casa”, e “a rua”, onde acontecem situações que fogem do controle da “mãe” e do “pai” e que são ligadas ao prazer, ao lazer e ao encontro. (NEVES, 2011, p. 576)

Assim, a casa é abordada no presente texto enquanto categoria etnográfica, por se revelar como um ambiente simbólico, se provando não apenas um espaço físico, mas compreendido como elemento essencial para a formação das teias de relação, onde se estabelecem as trocas diárias de reciprocidade. É no ambiente da casa que se manifesta o cuidado, o alimento, a comensalidade, a circulação de crianças, fatores essenciais para o estreitamento do parentesco.

Durante a realização da etnografia, se tornou evidente que a aproximação entre as casas que dividem o mesmo terreno favorece um estreitamento dos laços de parentesco. As falas de Jorge e Dona Lurdes me aconselhando a não andar sozinha pelo assentamento, demonstram que, se a família estivesse cada um em um lote de terra, não haveria possibilidade dos primos Clara, Júlia, Camila, Helen e Luiz estarem juntos no fim da tarde, de se acompanharem à escola, das gêmeas Maria e Sofia frequentarem diariamente a casa da avó, do convívio e trabalho compartilhado entre Dona Lurdes e os filhos.

No entanto, apesar do pátio compartilhado, há uma noção de que a parte do terreno que está atrás da casa de cada um, os pertence como um quintal. Assim, Dona Lurdes tem no quintal de sua casa criação de galinhas, patos, cachorros e gatos. Já Cristina cria porcos, galinhas e divide uma horta com Fabiana. Tal separação se tornou ainda mais evidente quando Dona Lurdes construiu uma cerca, delimitando ainda mais o seu quintal e o espaço que pertence exclusivamente a sua casa. Ela relatou que essa iniciativa partiu do fato de a casa dela, depois da de Anderson na qual não reside ninguém, ser a mais próxima da estrada e que a cerca representava mais uma demonstração de segurança para algum observador externo.

A ilustração abaixo foi feita por mim durante a realização da pesquisa, a fim de demonstrar as divisões do terreno e ressaltar que apesar de todas as casas estarem situadas no

mesmo lote de terra, há uma autonomia que se faz presente inclusive no espaço físico, como na cerca que demarca o quintal de Dona Lurdes, na suíte externa que pertence exclusivamente à casa de Jorge, nos porcos e galinhas que são propriedade de Cristina etc.

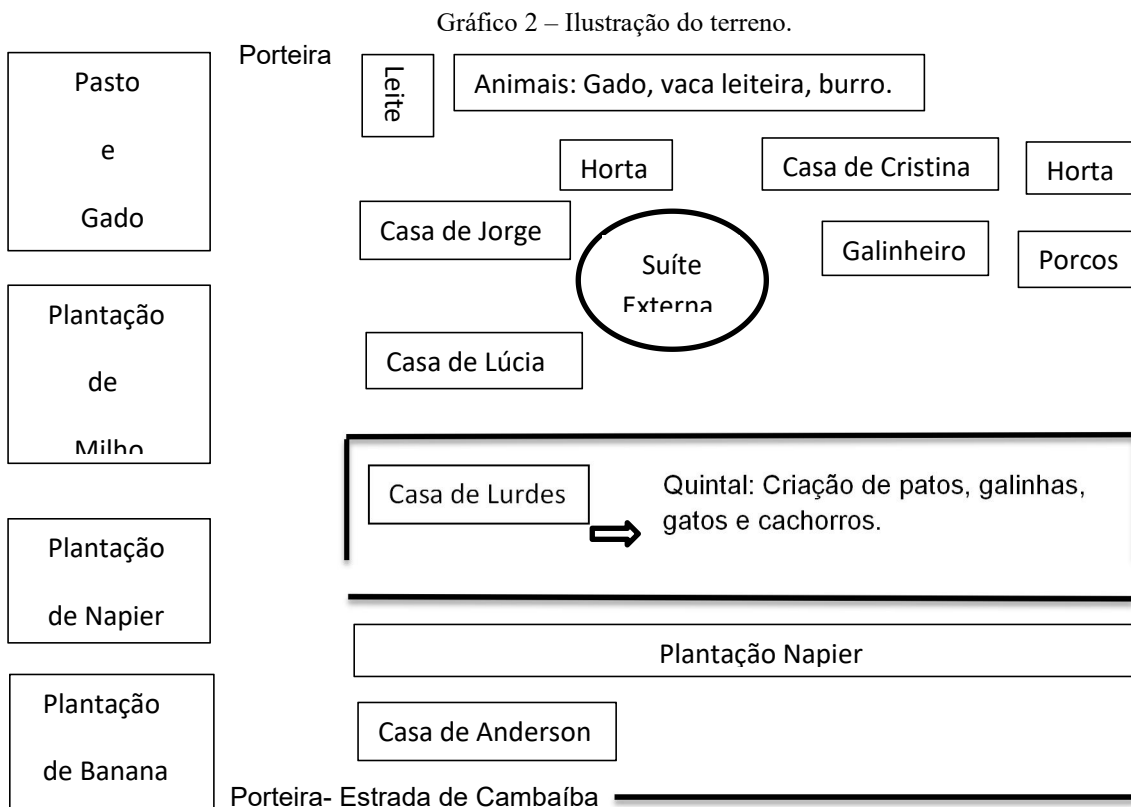


Imagem I: Ilustração do terreno de Dona Lurdes.

Fonte: dados da pesquisa etnográfica realizada por mim no período de ago-mar 2019, no município de Campos de Goytacazes.

3 A ROÇA

Weber (1967), discorre acerca dos valores protestantes e compreende que essa religião se aproximava do sistema capitalista, uma vez que considera o trabalho moralizante ao homem e o acúmulo de bens um virtuosismo daquele que exerce bem o seu trabalho. Tal lógica se contrapõe a visão de Ellen Woortmann (1992), uma vez que a autora aborda a noção do tempo do ambiente enquanto um equilíbrio que estabelece as relações, não sendo passível de gerar excedente.

Tal perspectiva remete à forma como Dona Lurdes divide seu tempo de trabalho, começando pela manhã bem cedo, parando na parte da tarde devido ao calor excessivo e

retornando alguma tarefa no fim do dia, quando o tempo se torna novamente mais ameno. Assim, diferente da clássica forma de trabalho capitalista abordada por Weber (1967), na roça, o trabalho é medido pelo tempo do ambiente, uma vez que não há possibilidade de adiantar o serviço, de produzir excedente. É necessário esperar o tempo de a galinha pôr o ovo e o da banana amadurecer, por exemplo. Assim, é um trabalho que exige uma realização feita pouco a pouco todos os dias e é o ambiente que determina tal programação.

Desta forma, o equilíbrio das relações se estabelece através do ambiente, de modo que o ato de trabalhar na roça do quintal de casa permite que as tarefas sejam permeadas pela dimensão do parentesco. Tim Ingold (2015) aborda o ambiente como um conjunto de relações, sendo o lugar composto a partir da teia de relações que envolve os sujeitos, o meio ambiente, os vizinhos e a roça. Assim, o autor argumenta que “vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares” (INGOLD, 2015, p. 219).

A partir disto, o autor compreende que os lugares são formados por linhas de peregrinação e a casa é esse lugar onde os indivíduos estão mais fortemente atados. A casa não é, portanto, apenas uma construção estabelecida em um determinado lugar, mas formada por linhas que conectam seus ocupantes com os demais componentes do ambiente, propiciando, assim, uma relação simbólica em que o pertencimento e os vínculos de aliança estão fortemente atados. A presença frequente de Jorge, que se sentava conosco na varanda da mãe, demonstra a forte relação entre o trabalho na roça e a casa, uma vez que essa proximidade não seria viável através do "trabalhar fora".

Sobre a divisão do trabalho na roça, Woortmann (2015) relata que, durante o trabalho de campo com a população rural teuto-brasileira, observou certa divisão do trabalho entre os gêneros, sendo as mulheres responsáveis por animais de pequeno porte. Na constelação de casas observada nesta pesquisa, Jorge é o principal realizador de tarefas na roça, pois Cristina possui filhas pequenas e busca um emprego fora; Anderson já não reside no quintal da família; e Dona Lurdes, pela idade avançada, é poupada pelos demais. Aliás, por diversas vezes foram proferidas falas em oposição ao seu trabalho na roça, e a própria Lurdes demonstra que não tem mais necessidade de ser ativa, mas “faz para ajudar e porque gosta”.

Assim, quando questionado quem era responsável por qual parte do trabalho, Dona Lurdes afirmou que tal divisão não era tão definida, que as pessoas se uniam para realizar o necessário. Cristina possui uma criação de galinhas e alguns porcos próximos a sua casa, mas

ajuda Jorge com o leite quando há necessidade. Jorge cuida do gado, mas diversas vezes colhe as bananas com a mãe.

4 O PARENTESCO

Vale ressaltar que trabalhamos aqui o conceito de parentesco pela perspectiva da *relatedness* (CARSTEN, 2014) ou conectividade (FONSECA, 2005). Nesse sentido, compreendemos que as relações se estabelecem através não apenas da dimensão do sangue, mas também de outras substâncias, como a memória formada pelo cotidiano compartilhado. Machado (2010) argumenta que

o império da natureza na produção do parentesco pode ser relativizado por práticas outras de *relatedness*. As relações podem ser fortalecidas ou enfraquecidas com a ausência prolongada, e tudo depende da manutenção das relações através de outros meios que não o da convivialidade: a circulação de remessas de dinheiro aparece como uma transformação dessas relações que definiriam uma casa. (MACHADO, 2010, p. 23).

Assim, o “fazer parte da família” se estabelece de formas diferentes. Anderson é um parente ativo na vida familiar pela responsabilidade financeira que possui para com os demais. Mas, além disso, o parentesco possui uma dimensão de estreitamento, como observado na circulação de crianças que se estabelece por meio do quintal compartilhado.

No que tange ao conceito de Mauss (2003) acerca da troca, foi observado no assentamento um contato maior entre os indivíduos pela noção de “ajuda”, do que necessariamente de troca. Tal palavra, quando mencionada, era sempre negada por parte dos assentados, que diziam não realizar trocas. No entanto, havia uma espera acerca da retribuição da ajuda oferecida, não em sentido monetário, mas novamente pela dimensão de obrigatoriedade presente na dádiva de Mauss (2003).

No primeiro estágio do campo, no qual acompanhava o restante do grupo na aplicação de questionários no assentamento, perguntávamos se o assentado praticava troca de sementes, pergunta em que a grande maioria respondia que não, mas que apenas dava e recebia semente dos outros, frisando que não as trocava. Entendemos com isso que a troca nesta comunidade era compreendida enquanto uma possibilidade de analisar de forma valorativa o produto/semente trocado e que esta prática não era realizada.

O dar e receber possui uma dimensão de oferta, de presente, de dádiva e é nesse sentido que a circulação de sementes acontece no assentamento Oziel Alves, conforme

relatado. No período em que estive realizando a etnografia, não presenciei nenhuma visita à casa de Dona Lurdes com esse propósito, de tal forma que esta circulação de sementes não se mostrou um ponto relevante para tratar o parentesco no campo realizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos meses que sucederam esta pesquisa, foi possível analisar como a *relatedness* opera em um contexto de assentamento na zona rural de uma cidade interiorana e como o parentesco se apresenta de diversas formas, incluindo à distância. A circulação de crianças foi analisada enquanto vetor de estreitamento dos laços, tanto de Camila e Júlia com a avó que as cria, quanto dos primos, que convivem diariamente e cuidam um dos outros. Helen e Camila estão sempre juntas, pois estudam na mesma escola, de modo que há um senso de responsabilidade de uma com a outra, indo para o ponto da van sempre em dupla. Luiz e Júlia também dividem essa relação, estudando em outra escola juntos. Quando o rapaz vai de carro ou moto para o colégio, deve levar a prima com ele. As meninas dividem com Clara os cuidados das gêmeas, que são irmãs desta. A roça opera nessa relação enquanto fonte de trabalho e renda que aproxima os parentes, por estar no terreno das casas, promovendo maior convivência.

No contexto de um assentamento sem-terra, é notório o pertencimento ao território, uma vez que houve luta por aquele determinado pedaço de terra, o que se entrelaça à história de seus habitantes. No entanto, os assentamentos também são conhecidos por serem espaços que aglutinam pessoas provenientes de diferentes localidades. A própria história de Dona Lurdes demonstra um fluxo intenso de migração.

Desta forma, a casa é compreendida não como lugar físico e fixo a um determinado território, mas como espaço simbólico onde se estabelecem os mais diferentes laços de parentesco, formados de forma consanguínea, através da reciprocidade, da consideração ou de qualquer outro modo. Assim, concluo, a partir de McCallum e Bustamante (2012, p. 23), que “o que torna um espaço uma casa é principalmente a experiência vivida, o fato de alguém sentir que um determinado espaço lhe pertence e constitui sua casa própria”.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, v. 5, n. 8, p. 195-226, Natal, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/15615> Acesso em: 26 mai. 2020.

ALDEIA, João. A casa vista da rua. Uma antropologia filosófica sobre a noção de casa no fenómeno dos sem-abrigo. Disponível em: https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/3.3.2_Joao_Miguel_Marques_Alves_Aldeia.pdf Acesso: 21 out. 2019.

BORGES, Antonádia. Mulheres e suas casas: reflexões etnográficas a partir do Brasil e da África do Sul. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n. 40, 2013, p.197-227. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100006&lang=pt Acesso: 21 out. 2019.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. **R@U - Revista de Antropologia da UFSCAR**, v. 6, n. 2, p. 103-118. 2014.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & A Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESTÉVEZ, Reyna Sánchez. La significación de la casa y del habitar en dos grupos sociales en la Ciudad de México. **Cuicuilco**, vol.20, n.56, p. 77-94, México, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-16592013000100005 Acesso: 21 out. 2019

FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, v.14, n.2, p.50-59, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-12902005000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 07 nov. 2019.

FORTES, Celeste. “Casa sem homem é um navio à deriva”: Cabo Verde, a monoparentalidade e o sonho de uma família nuclear e patriarcal. **Anuário Antropológico**, v.40, n.2, p.151-172, UNB-Brasília, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/1425>. DOI: 10.4000/aa.1425. Acesso em: 25 out. 2019

HANDERSON, Joseph. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100051&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 17 dez. 2019.

IMGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

JARDIM, Marta. Outras razões para tantos fogões: fazendo famílias em casas na rede de migração hindu no sudeste africano. **Temáticas**, Campinas, 21(42), v.2: 109-139, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/OUTRAS-RAZ%C3%95ES->

PARA-TANTOS-FOG%C3%95ES%3A-FAZENDO-FAM%C3%8DLIAS-Jardim/b6d65bd2c92d24497eeeb52c4428455f4ac1db73 Acesso em: 17 dez. 2019.

KERSTING, Anelize Bandeira. Se eu ficar pensando em voltar, eu não faço nada da minha vida: uma etnografia das territorialidades e reciprocidades na diáspora haitiana. Tese de mestrado, Porto Alegre, 2019.

MACHADO, Igor José de Renó. Reordenações da casa no contexto migratório de Governador Valadares, Brasil. **Etnográfica**, vol. 14, p. 5-26, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/140> DOI: 10.4000/etnografica.140. Acesso em: 07 nov. 2010.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MCCALLUM, Cecília; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica**, vol. 16, p. 221-246, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/1476> DOI: 10.4000/etnografica.1476 Acesso em: 25 nov. 2019.

NEVES, Eloiza Dias. Quando a escola é a "casa", a "rua" e o "quintal". **Cadernos de Pesquisa**, p.41, n.143, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000200012&lng=pt&tlng=pt Acesso: 22 out. 2019.

WEBER, Max. As Seitas Protestantes e o Espírito Capitalista. In: WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. LTC- Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A. Rio de Janeiro-RJ, 1967.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas Ciência Social e na Ciência Política. In: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. Parte 1. São Paulo: Cortez, 2001.

WOORTMANN, Ellen F. Espaços de Gênero, Casa e Gestão alimentar: contexto rural teuto-brasileiro. In: MENASCHE, Renata. (Org.). **Saberes e Sabores da Colônia**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2015, v. 1, p. 267-284.

WOORTMANN, Ellen F. O Ambiente e a Mulher: o caso do litoral do Rio Grande do Norte, Brasil. **Latin American Studies**, Tóquio, v. 12, p. 31-53, 1992.

WOORTMANN, Klaus. A rede de parentesco. In: WOORTMANN, Klaus. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.